

# José de Alencar: um Parteiro do Seu Tempo

Marcelo Peloggio<sup>1</sup>

*O homem é um sistema de contrariedades.*

José de Alencar

Todo diálogo de ideias tem, a nosso ver, implicação dialética profunda. Não o tem, claro, em função do embate puro e simples, nem pelo valor de síntese, que o qualificaria acima dos demais fenômenos do conhecimento. Com efeito, se as ideias são fortes, a unidade de sentido vê-se enriquecida, de modo que seu valor e significado, antes de se obliterarem, ganham dimensões respeitáveis, conquistando o senso universal. Daí que elas regressam à cena, volta e meia, para que o estatuto conquistado, como produto do conhecimento, não engesse, mas que se renove – nas bases da teoria consagrada – à força da circunstância e do rigor do método.

Falamos de uma permuta de ideias, e que é incessante; todavia, essas não circulam a esmo, senão a partir de um ponto central único: o pensamento de José de Alencar (1829-1877). O que significa dizer que as reflexões alencarinas sobre o modo de representação do Brasil (do ponto de vista estético, com suas implicações políticas e filosóficas) não devem constituir, pois, um mero sistema de referência, e sim a posição superior e inequívoca de uma *ideia*, de “uma historização completa de todos os conceitos e de todas as categorias”<sup>2</sup>. O sistema alencarino surge hoje, portanto, como esse grande centro de irradiação, à roda do qual hão de trafegar outras tantas noções e preceitos; e nesse

---

<sup>1</sup> Professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Artigo publicado em: *Tecnogaia*. Revista independente de cultura, pesquisa e saber. *Tecnogaia Cultural*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 48-61, jun. 2007. O artigo foi revisado e ampliado para esta publicação.

<sup>2</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Tradução de Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 162.

entrecruzamento, como que por si só, segue a qualificar sua estrutura interna, sobressaindo, historicizando-se no que traz ao mesmo tempo de geral e particular. Assim, a visão de mundo no autor de *Lucíola* não se traduz senão como visão de Brasil, no sentido de o nacionalizar, de o civilizar sem que o descaracterize, de modo algum, no que tem de mais valioso: sua natureza e sua gente.

É sua ideia de Brasil que o faz ser quem foi: um dos maiores nomes da inteligência brasileira no século XIX. E é a força dessa ideia que o eterniza sob a figura reta e às vezes contraditória<sup>3</sup>, precisa nas muitas opiniões que disseminou mediante o texto romanesco, crítico, político, jurídico e *filosófico*. José de Alencar, mais do que o eterno autor de *Iracema*, foi uma espécie de parteiro do seu tempo, não no sentido hegeliano da ideia, mas em função de sua originalidade, independência e estro, além de uma visão de mundo demasiado adiantada em face do provincianismo brasileiro.

Não é nossa intenção discorrer acerca das qualidades morais e intelectuais do autor de *As minas de prata*, buscadas no temperamento arredo, ou nas linhas do inconsciente. Pode-se dizer que seus conceitos e opiniões já não lhe dizem respeito; são agora de domínio público. É bem verdade que sinalizam o homem, mas não refletem aquele comum, de todos os dias, e sim esse “médium particular”, no qual, segundo Eliot, as “impressões e experiências se associam em peculiares e inesperados caminhos”<sup>4</sup>, de modo que o psicologismo não tem lugar aí. Ora, falamos do Alencar artista e pensador, e não do esposo de Georgiana (por exemplo). Se o criador de *Cinco minutos* passou a frequentar Stuart Mill ou apreciar Dickens por suposta influência do cônjuge, de ascendência saxônica, é porque o quis, e os biógrafos sairão agradecidos; mas não havendo qualquer registro desse fato na índole crítica do seu pensamento, a informação terá caráter de anedota.

Pois esse médium significa algo mais. Suspenso do mundo, da vida ordinária, dará forma a seu mosaico de impressões até gerar uma só e mesma *ideia*: produto das reminiscências, da erudição, da determinação única e exclusiva do ego volitivo. Desse modo, mais do que um simples reflexo de si

<sup>3</sup> Cf. SCHWARZ, Roberto. A importação do romance e suas contradições em Alencar. In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1981. p. 45. Alencar “ora fala a linguagem conivente do cronista mundano, ora fala como estudioso das leis do coração e da vida social, ora é um duro moralista, ora um homem evoluído, ciente do provincianismo brasileiro, ora enfim é respeitador dos costumes vigentes”.

<sup>4</sup> ELIOT, Thomas S. *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 45.

mesmo, ele, Alencar, representa uma organização vigorosa da própria vontade: só isso explica o fato de *Lucíola* ser o oposto a *Diva*.

Refutando-se a abordagem psicologista, daremos importância às formulações crítico-teóricas do escritor. Todavia, encetar seu diálogo com outras formas de pensamento, ou visões de mundo, sem lhe reconhecer nas ideias qualquer autonomia e projeção, é o mesmo que admitir, em um só movimento, a absorção da unidade mental individual pela coletiva: nada nos aconselha a avançar pelo terreno da história das mentalidades, porque nem todos se ocupam, ainda que às vezes concordem, das mesmas convenções, códigos e vontade ideal. Em literatura, por exemplo, sob as suas formas de expressão, verifica-se uma relação mais ou menos necessária, mais ou menos estreita, entre o traço e o contexto. Ora, é preciso saber “*que as opiniões são divididas*”<sup>5</sup>, nada nos leva a crer que os efeitos de uma dada estrutura coercitiva (política, intelectual, jurídica) viceje sem o inconformismo, velado ou não, porque,

à medida que se avança no tempo, torna-se cada vez mais difícil estabelecer essa leitura elementar, que vê no texto literário o mero reflexo da prática social do tempo, cabendo-nos antes decifrar as significações latentes de um discurso bem mais complexo porque carregado de múltiplos pensamentos encobertos.

[...]

Percebe-se bem que, mesmo à época do realismo ou do verismo, o romance representa muito mais do que um reflexo ou um depoimento inerte sobre a prática social comum, e impõe, por isso, uma leitura mais elaborada<sup>6</sup>.

Não queremos dizer, com isso, que a leitura da obra alencarina deva ser feita obrigatoriamente de “dentro para fora”. Haverá, de fato, aqui e ali, a tal necessidade de “tradução”.

Mas, em José de Alencar, a força de uma ideia mostra-se por vezes tão clara, isto é, sua enunciação, na intensidade em que se manifesta, tão explícita, em virtude da retidão com que foi elaborada, que a tarefa de se ler nas

<sup>5</sup> VEYNE, Paul. A história conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). *História: novos problemas*. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 77 (grifos do autor).

<sup>6</sup> VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 57.

entrelinhas pode, muita vez, acusar redundância ou algo de pouca valia: a hermenêutica terá pouco a oferecer se o próprio crítico não for capaz de elevar as ideias deste ou daquele autor. Por exemplo, uma posição assumida no prefácio de *Sonhos d'ouro* (1872), “Bênção paterna”, derriba a noção comumente aceita de que o criador de *O guarani* é pelo nativismo rústico e contra a urbanidade:

A importação contínua de ideias e costumes estranhos, que dia por dia nos trazem todos os povos do mundo, devem por força de comover uma sociedade nascente, naturalmente inclinada a receber o influxo de mais adiantada civilização<sup>7</sup>.

Admite-se, na citação, o acordo entre o local e o universal, entre o natural e o cultural, nem sempre de fácil combinação em textos de José de Alencar. Pois não são os “pensamentos encobertos” desse autor o que nos chama mais a atenção, mas o modo direto e franco com que geralmente expôs suas opiniões e que, por isso, as mudou em *ideia*, no sentido mais pleno do termo. E é isso que faz essas opiniões tão especiais: representam o contraste mais drástico, a verdadeira contraposição, aquilo que, ante a mediocridade do pensamento crítico, dotou de nova luz e cor o pensamento brasileiro. Pode-se dizer, sem sombra de dúvida, que foi com José de Alencar que o Brasil começou a se pensar, de fato, como Brasil: a natureza, o índio, a Corte. E se as opiniões variam, foi ele quem primeiro mostrou tal verdade. A força de sua ideia aparece como estilhaço de mil pontas, rompendo com o laço trivial da obediência, fosse em relação aos lusos (padrão linguístico), fosse em relação à sociedade mesma (padrão moral), fosse ainda em relação aos próprios românticos e objetivistas (os padrões estético e filosófico).

Essa força de valor cognitivo e pedagógico (esfera artística e doutrinária) e de orientação prática (campo político) o habilita como o primeiro grande crítico social e literário de nosso país – ao menos o mais preparado –, que se tinha notícia até então, ou seja, até tomarem corpo, em 1856, os panfletos sobre o poema de Gonçalves de Magalhães e vir a lume o “escandaloso” drama *As asas de um anjo* (1858), bem como as *Cartas políticas de Erasmo* (1865-1868).

<sup>7</sup> ALENCAR, José de. Bênção paterna. In: \_\_\_\_\_. *Sonhos d'ouro*. Romance brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. XII, 1953. p. 35.

Com efeito, a força de sua ideia pode ser medida na intenção veemente com que defende seus pontos de vista, seus conceitos os mais variados, mostrando-se sempre fiel a eles, quer como artista e polemista, quer como político. Lucia Helena, de modo fundamental, chama a atenção para a revelação dessa forma “iluminada”, “solar”, de colocar as coisas: por exemplo, ao se reunir o passado e o presente em uma só e mesma *ideia*, ou antes, como “força crítica”, a exemplo do que acontece em *O garatuja* (1873):

Como se fosse um cronista, capaz de esboçar um contato livre de hierarquias entre ficção e história, o narrador de *O garatuja* faz com que os acontecimentos “menores” adquiram admirável força crítica na observação das perplexidades e contradições do país-presente, ainda que ambientado em paisagem colonial<sup>8</sup>.

Em outras palavras, “ideias contra estruturas mentais: a oposição indica [...] a recusa do suposto reducionismo da história social (logo quantitativa) da produção intelectual”<sup>9</sup>. De onde é preciso ressaltar, antes do mais, esse “contato livre de hierarquias”, quer dizer, a suspensão do rotineiro, do que oprime, do que se acha contaminado “pela vida dos homens”, enfim, de toda e qualquer forma de valoração de uma estruturação *a priori*, pois, como diria Alencar, a vida de nada serve se for uma cadeia.

A sistematização de ideias, de modo a servirem de padrão corrente e geral como regras de conduta (Comte), e o simples oferecimento de seu esboço histórico, classificador (história social das ideias), tomado então como simples produto de uma dada classe social, haverão de promover, sem mais, a cristalização de todas as noções e categorias, a sujeição mesma da individualidade à mentalidade, pois a verdadeira ideia, empregando aqui a expressão de Lucia Helena, só o é como “força crítica”.

Como *ideia*, as asserções alencarinas são, por definição, verdadeiras, isto é, sua representação da vida não designa o reflexo imediato do real, mas sim a abordagem minuciosa do mesmo, ainda que embalada, em dado momento, pela dicção poética: os exemplos podem ser extraídos, sobremaneira, do drama

<sup>8</sup> HELENA, Lucia. Que globalização, que país, que literatura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Nação-invenção: ensaios sobre o nacional em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/CNPq, 2004. p. 39.

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1990. p. 49.

*As asas de um anjo* e dos romances *Lucíola* (1862) e *Senhora* (1875). O autor de *Til*, por conseguinte, não fala do que não sabe, ou antes, daquilo que não existe; ele exhibe as paixões em toda a sua extensão e espessura, daí a máxima: “A verdade dispensa a verossimilhança”<sup>10</sup>. E é o que lhe reserva à obra caráter universal, já que tem o homem no centro da ação; o homem que, a despeito das épocas e suas convenções, sucumbindo ou vencendo, ainda é capaz de aspirar a ideais nobres, como é o caso da heroína tabajara (*Iracema*, 1865) ou de Ricardo (*Sonhos d’ouro*), mas de alimentar também os interesses mais mesquinhos, o que põe em movimento Loredano (*O guarani*, 1857) e Lemos (*Senhora*), por exemplo. Trazendo à luz essas e outras paixões, não foge Alencar à historicidade mesma das coisas, dotando-as de sentido histórico, o qual implica

a percepção, não apenas da caducidade do passado, mas de sua presença; o sentido histórico leva um homem a escrever não somente com a própria geração a que pertence em seus ossos, mas com um sentimento de que toda a literatura [...] desde Homero e, nela incluída, toda a literatura de seu próprio país têm uma existência simultânea e constituem uma ordem simultânea. Esse sentido histórico, que é o sentido tanto do atemporal quanto do temporal e do atemporal e do temporal reunidos, é que torna um escritor tradicional [universal]. E é isso que, ao mesmo tempo, faz com que um escritor se torne mais agudamente consciente de seu lugar no tempo, de sua própria contemporaneidade<sup>11</sup>.

Também recoloca os conceitos de forma inovadora: por exemplo, estuda a fundo os escritores portugueses, bem como os cronistas da fase colonial, “não para decorá-los e sim para esquecer-los logo, na sua vontade de escrever à brasileira, de escrever certo no Brasil embora errado em Portugal”<sup>12</sup>. Enfim, deforma-lhes o padrão, de modo a dar lastro à formação e incremento de uma língua portuguesa com sabor brasileiro.

Com isso granjeou a reprovação dos escritores lusos, mas também dos brasileiros, a exemplo de Pinheiro Chagas e Antônio Henriques Leal, respectivamente, que saíram em defesa do português de lei.

<sup>10</sup> ALENCAR, José de. *A viuvinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. III, 1951. p. 128.

<sup>11</sup> ELIOT, Thomas S. *Ensaíos*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 39.

<sup>12</sup> GRIECO, Agrippino. Alencar. In: ALENCAR, José de. *Iracema*: lenda do Ceará. Edição do centenário. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965. p. 266.

Com efeito, ante seu diálogo com a crítica e a literatura lusas, o panorama dialético se esclarece como sentimento de tutela perdida, quer no sentido político-administrativo (o Brasil na qualidade de ex-colônia), quer sobretudo cultural, ou seja, o concurso alencarino a levar ao seu mais alto patamar a autonomia de nossa vida espiritual – iniciada com o arcadismo, talvez de maneira tímida e inconsciente nas “incorreções de estilo” de *O Uruguai*. Assim, alguns críticos de além-mar, não tendo por que repreender o estro de nossos escritores, atacam-lhes a dita “insurreição gramatical”. Camilo Castelo Branco, elogiando “a simplicidade de Luís de Sousa, [...] o puritanismo de Castilho e a correção de Teixeira de Vasconcelos”<sup>13</sup>, exprobra o estilo amaneirado do criador de *A viuvinha*. Com azedume, Alencar lhe responde:

Já não me admira que o sr. Camilo Castelo Branco ache o amor brasileiro mórbido, sonolento, dengoso, lânguido. Se não tem um cheirinho de imundície para deliciar o olfato, e um pouco de ranço para estimular o paladar! [...] O ilustre romancista tem horror ao céu estrelado de bananas, porque supõe que as bananeiras são árvores frondosas; e que suas frutas nascem em pencas e não em cachos. Ele prefere o seu céu de São Miguel de Seide, estrelado de “bolotas”<sup>14</sup>.

De nossa parte, consideramos mais relevante a tentativa da intervenção lusa com o intuito de se antecipar aos nossos escritores e criar a forma representativa do romance nacional brasileiro: o procedimento tem início com Mendes Leal, que traz a lume o *Calabar* (1863); é seguido então por Pinheiro Chagas, autor de *A virgem guaraciaba* (1866) – sendo de observar que ambos publicariam outros livros com o mesmo propósito: a representação histórica do nosso *modus vivendi*.

Seja em face da inteligência portuguesa, seja dos românticos brasileiros à luz do pensamento europeu, a *Weltanschauung* alencarina desponta na qualidade de uma contraposição essencial e singular, de vez que fundamentada e, acima de tudo, verdadeira. Descrever e narrar o Brasil foi o que podemos chamar a grande obsessão do autor de *O guarani*, e por isso respeitável, porque própria de uma figura altamente cônica e empenhada.

<sup>13</sup> ANTUNES, Luísa Marinho. *O romance histórico e José de Alencar*. Tese (Doutorado) – Universidade da Madeira, Ilha da Madeira, 2004. p. 133.

<sup>14</sup> *Apud* MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar: literato e político*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965. p. 382.

E sua obra ganhará maior significação e importância não em virtude de seus quadros tão cheios de frescor, encanto e beleza, como os de *Sonhos d'ouro*; do traço nostálgico e lírico de *Iracema*; dos lances de grande dramaticidade e vigor épico de *O guarani* ou de *O sertanejo* (1875). Mais do que isso, foi o escritor cearense – é preciso enfatizar – o primeiro grande nome de nossa crítica social em literatura, porque crítica contundente, pautada na realidade, quer dizer, de quem esteve atento às mudanças significativas por que passou o Brasil a partir dos anos 1850. Vê surgir então, à luz do dinheiro, novas formas de representação social – nem sempre positivas, o que explica a ironia com que analisa em *A viúvinha* (1860) um tipo novo, o “negociante”:

Há uma profissão cujo nome é tão vago, tão genérico que pode abranger tudo. Falo da profissão de *negociante*.

Quando um moço não quer abraçar alguma profissão trabalhosa, diz-se negociante, isto é, ocupado em tratar dos seus negócios.

Um maço de papéis na algibeira, meia hora de estação na Praça do Comércio, ar atarefado, são as condições do ofício.

Mediante estas condições o nosso homem é tido e havido como negociante; pode passear pela rua do Ouvidor, apresentar-se nos salões e nos teatros.

Quando perguntarem quem é esse moço bem vestido, elegante, de maneiras tão afáveis, responderão – *É um negociante*.

Eis o que eu chamo *virtuosi* do comércio, isto é, homens que cultivam a indústria mercantil por curiosidade, por simples desfastio, para ter uma profissão<sup>15</sup>.

Com o mundo cada vez mais restrito às atividades práticas, a teologia e os últimos sistemas metafísicos da fase romântica decaem; o idealismo lógico cede lugar ao materialismo evolucionista, insuflado pelo desenvolvimento das ciências naturais e da indústria, pela visão de progresso e pela derrocada de uma concepção aristocrática do mundo. Pregar-se-á a objetividade do conhecimento, bem como se passa a encarar a própria vida de um modo simples e direto a partir do *laissez-faire*. “Em síntese, o *projeto moderno* é o de uma história que se fragmentou e se descentralizou e que busca se reunificar e se reuniversalizar”<sup>16</sup>. Em meio a ele, estará o sujeito, que, isolado,

<sup>15</sup> ALENCAR, José de. *A viúvinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. III, 1951. p. 120 (grifos do autor).

<sup>16</sup> REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 35 (grifos do autor).

impedido de participar de uma totalidade, contempla o mundo sob a experiência do precário. [...] Alienado da totalidade, perdida a verdade e sem poder contar com a promessa das utopias, nem sentir-se unido por elos comunitários fortes, [ele] apenas espieira e espia o detalhe inalcançável<sup>17</sup>.

A José de Alencar nada disso passou despercebido. Mostra, assim, o trágico isolamento individual agrupando seus tipos em torno do amor, do dinheiro, da regeneração moral, isto é, como partes que, à medida que tomam vida e se movimentam, revelam, a pouco e pouco, a silhueta do todo: a engrenagem mesma do capitalismo – de modo indireto, é verdade, dado que a lógica da competição, que lhe é inerente, e tão bem assinalada por Machado de Assis em *Quincas Borba* (1891), é apenas intuída pelo autor de *O guarani* sob a forma do pragmatismo urbano (o corpo desfrutável de Maria da Glória, em *Lucíola*) e da visão utilitária da vida (o casamento de conveniência, em *Senhora*).

Assim, viu-se o autor cearense no mais completo isolamento, em total desacordo com o “projeto moderno” do “espírito positivo”, que refutava com veemência, como nos esclarece em seu poema épico inacabado “Os filhos de Tupã” (1863):

Nem a civilização que o homem gasta  
 Como vil combustível, consumindo-o  
 Na chama que depura a humanidade;  
 Nem soberbos inventos, que do mundo  
 A loucura presume que o realçam,  
 Mas só revelam dele a niilidade,  
 A nobre singeleza desfloraram  
 Destes campos. Ainda aqui não veio  
 A ciência arrogante, cujo orgulho,  
 Se atreve a disputar, verme da terra,  
 Ao Senhor os mistérios do infinito<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> HELENA, Lucia. O equilíbrio instável dos fantasmas: espectros e identidades. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 141.

<sup>18</sup> ALENCAR, José de. Os filhos de Tupã. In: ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. IV, 1960. p. 564.

A partir de 1870, as ferramentas teóricas do objetivismo – positivismo, evolucionismo, naturalismo –, a darem lastro ao sistema capitalista, serão moda no Brasil (sobretudo a filosofia de Comte). No plano formal do romance, exige-se a abordagem da vida em sintonia com as teses centrais do cientificismo. Alencar torna-se, portanto, o alvo predileto: Franklin Távora, Sílvio Romero, Tobias Barreto, Joaquim Nabuco atacam-lhe a dicção sonora e multicolor em nome daquilo a que o próprio Alencar chamaria “frase seca e positiva”<sup>19</sup>, porque exigiam do autor de *Til* “uma história realista, em estilo seco e sóbrio; e vem [ele] com um enredo romântico, expandindo-se em transbordamentos líricos”<sup>20</sup>.

Fiel às suas ideias, à diretriz do seu sistema, não teria por que adotar o realismo ou o naturalismo como forma de representação estética; e isso porque não quis<sup>21</sup>. Ao que tudo indica, frequentou Zola, Eça de Queiroz e Haeckel; por sinal, convida Joaquim Nabuco a abordar, “de um ponto de vista elevado, a questão mui debatida em outros países do *realismo*, como escola literária”<sup>22</sup>. Foi até realista, sim, mas a seu modo: retratou a verdade da vida, por assim dizer, em bases românticas. Conforme Pedro Lyra, com Alencar,

em *Senhora*, antes do drama de uma mulher traída e de um homem vendido, o que temos é a realidade nua e crua de uma sociedade fundada sobre o dinheiro e corrompida por esse mesmo dinheiro. Esses aspectos mesquinhos e degradantes geralmente passam ao largo da ficção puramente romântica<sup>23</sup>.

Como parlamentar, dá a conhecer a vida prática do país de forma objetiva, nas linhas da coerência e com forte senso de realidade:

<sup>19</sup> ALENCAR, José de. *A polêmica Alencar-Nabuco*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. p. 142.

<sup>20</sup> PROENÇA, M. Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 87.

<sup>21</sup> Como exemplo, basta a transcrição deste trecho de *A viúvinha*: “O moço examinou o mendigo, e, reconhecendo que era realmente cego e incapaz de trabalhar, tirou do bolso uma das moedas de cobre e entrou em uma venda para trocá-la. O caixaieiro da taverna sorriu-se com desdém desse homem [Jorge] que trocava uma moeda de 40 rs., e atirou-lhe com arrogância o troco sobre o balcão. O pobre, reconhecendo que a esmola era de um vintém, guardou a sua ladainha de agradecimentos para uma caridade mais generosa”. Ver: ALENCAR, José de. *A viúvinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. III, 1951. p. 129.

<sup>22</sup> ALENCAR, José de. *A polêmica Alencar-Nabuco*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, 1965. p. 145 (grifo do autor).

<sup>23</sup> LYRA, Pedro. Antecipações realistas em Alencar. *Convivência*, Rio de Janeiro, PEN Clube do Brasil, n. 6, p. 38. dez. 1982.

É axioma de estatística que nem a guerra nem a peste diminuem a população; os nascimentos aumentam na razão dos óbitos [...] Mas [...] calculava-se então a nossa população em 500.000 habitantes; este elevado algarismo lisonjeava nosso amor-próprio; o Rio de Janeiro passava por uma das Capitais mais populosas do mundo, o que não estava fora de razão quando é realmente uma das Capitais mais comerciais, onde há mais movimento e tráfego mercantil; uma coisa parecia corresponder à outra<sup>24</sup>.

Por fim, gostaríamos de esclarecer que o quadro dialético formado pelo diálogo entre o sistema de ideias alencarino e as principais correntes de pensamento em vigência ou em vias de preparação à época do romancista não pretende fixar o momento exato do aparecimento de tal e tal corrente, e sim oferecer um panorama teórico da questão, que é o próprio diálogo em si mesmo – até porque as estruturas de pensamento recorrem-se umas às outras, não havendo como precisar exatamente o alvorecer e o ocaso de cada uma delas. Falamos, sim, da “coexistência, em estágios estratificados, de modelos de comportamento oriundos de heranças culturais diferentes”<sup>25</sup>, o que resulta, sem dúvida, em curioso ecletismo cultural. Daí falar da índole romântica de Comte, ou mesmo de um Alencar com toques de naturalismo identificados nas lambanças de Brás, o idiota de *Til* (1872), quando à mesa do café: “Naquele momento acabava o menino de fazer uma das costumadas estrepolias, virando com o queixo a xícara, que entornou-lhe todo o café no peito da camisa. – Hô, hô, hô!... fez ele com um riso gutural e apatetado”<sup>26</sup>.

Em contraposição a essa última tendência se apresenta o misticismo cósmico alencarino, sistematizado no ensaio filosófico inacabado *Antiguidade da América*, cuja redação muito possivelmente se deu em 1877, ano da morte do autor cearense. Seria o desfecho, pode-se dizer, em grande perspectiva teórica: porque é mantido o embate de ideias, ou a dialética mesma entre o materialismo e o idealismo, com a vitória do último sistema. Assim, com um senso ecológico surpreendente, e como motivo da comunhão integral da humanidade com o Criador, Alencar vaticina um cataclismo total causado pelo fogo:

<sup>24</sup> ALENCAR, José de. *Discursos parlamentares de José de Alencar* – Deputado-geral pela província do Ceará (1861-1877). Brasília: Câmara dos Deputados, 1977. p. 600. O discurso fora proferido em 1870.

<sup>25</sup> VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 24.

<sup>26</sup> ALENCAR, José de. *Til*. Romance brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. XI, 1955. p. 46.

De onde sairá a seiva para nutrição desse mundo espantoso? De uma terra, sufocada pelas construções humanas, esterilizada pelos detritos da matéria mal consumida e por conseguinte não assimilada? Como poderia esse planeta inânimo prestar-se à rápida e vigorosa elaboração que demandasse o imenso consumo de seus produtos? A intervenção divina é infalível. Outrora manifestou-se pelo dilúvio; chegará a vez da combustão<sup>27</sup>.

Trata-se, pois, do desaparecimento completo da vida terrena, objetivando a ideia do ajuste cósmico do homem com Deus, mas pode ser que se trate também, e provavelmente, das últimas linhas redigidas pelo parteiro dessa concepção, e, talvez, com propósito idêntico.

### Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

\_\_\_\_\_. *A polêmica Alencar-Nabuco*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

\_\_\_\_\_. *A viuvinha*. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. III, 1951.

\_\_\_\_\_. Bênção paterna. In: ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouro*. Romance brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. XII, 1953. p. 29-38.

\_\_\_\_\_. *Discursos parlamentares de José de Alencar*: deputado-geral pela província do Ceará (1861-1877). Brasília: Câmara dos Deputados, 1977.

\_\_\_\_\_. Os filhos de Tupã. In: ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. IV, 1960.

\_\_\_\_\_. *Til*. Romance brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, v. XI, 1955.

ANTUNES, Luísa Marinho. *O romance histórico e José de Alencar*. Tese (Doutorado) – Universidade da Madeira, Ilha da Madeira, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

<sup>27</sup> ALENCAR, José de. *Antiguidade da América e A raça primogênita*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 39.

ELIOT, Thomas S. *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

GRIECO, Agrippino. Alencar. In: ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Edição do centenário. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965. p. 265-269.

HELENA, Lucia. O equilíbrio instável dos fantasmas: espectros e identidades. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 125-144.

\_\_\_\_\_. Que globalização, que país, que literatura. In: HELENA, Lucia (Org.). *Nação-invenção: ensaios sobre o nacional em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/CNPq, 2004. p. 31-42.

LYRA, Pedro. Antecipações realistas em Alencar. *Convivência*, Rio de Janeiro, PEN Clube do Brasil, n. 6, p. 33-43, 1982.

MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar: literato e político*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

VEYNE, Paul. A história conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). *História: novos problemas*. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 64-88.

\_\_\_\_\_. *Como se escreve a história*. Tradução de Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1987.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.